

NÚCLEO MEGALÍTICO DOS FIAIS-AZENHA (CARREGAL DO SAL, PORTUGAL): UM BALANÇO

THE MEGALITHIC CLUSTER OF FIAIS-AZENHA (CARREGAL DO SAL, PORTUGAL): STATE OF THE QUESTION

José Manuel Quintã Ventura¹

RESUMO

Apresenta-se aqui um balanço de 33 anos de investigação arqueológica na plataforma do Mondego, em especial no concelho de Carregal do Sal.

Um dos aspetos mais marcantes foi sem dúvida o reconhecimento da existência de uma ocupação do Neolítico antigo, bem como a relação entre estas primeiras comunidades, a sua evolução e posteriormente o arranque do fenómeno megalítico na região.

Julgamos que estas comunidades desenvolveram formas de subsistência e de apropriação do território, que foram cristalizadas no planeamento, construção e orientação dos sepulcros megalíticos da plataforma.

Esta inter-relação irá manter-se bem até momentos mais tardios, já integráveis na Idade do Bronze regional.

PALAVRAS-CHAVE: Neolítico antigo, Neolítico médio, Neolítico final, Megalitismo, Beira Alta

ABSTRACT

We present here a balance of 33 years of archaeological research on the Mondego platform, especially in the municipality of Carregal do Sal.

One of the most striking aspects was undoubtedly the recognition of the existence of an occupation from the ancient Neolithic period, as well as the relation between these early communities, their evolution and later the megalithic phenomenon in the region.

We believe that these communities developed forms of subsistence and appropriation of the territory, which were crystallized in the planning, construction and orientation of the megalithic tombs of the platform.

This interrelationship will continue until later times, in communities of the regional Bronze Age.

KEYWORDS: *Early Neolithic, Middle Neolithic, Late Neolithic, Megalithism, Beira Alta*

¹Licenciado em História e em História, variante de Arqueologia pela F.L.U.L., Mestrado em Pré-História e Arqueologia, F.L.U.L., Investigador do NeoMega e colaborador da UNIARQ, FLUL. Av. Dr. José Pontes, n.45, 8ºEsq, Venteira, 2720-205 Amadora, PORTUGAL.

Passado o período pioneiro de José Leite de Vasconcelos, nesta região, muito por ação do seu empregado Maximiano Apolinário, será só nos anos sessenta do século passado, com Irisalva Moita (MOITA, 1966), que os monumentos megalíticos da plataforma do Mondego serão revisitados, mas mais uma vez, numa situação episódica.

A partir de 1985, primeiro com um reconhecimento, mas seguido em 1986 por um conjunto de trabalhos arqueológicos, teve início uma dinâmica de investigação que persiste até à atualidade.

Se, num primeiro momento, o estudo se concentrou nos monumentos megalíticos então existentes e/ou redescobertos pelos trabalhos de 1985, correspondendo a um grande monumento (Lapa da Moura ou Orca dos Fiais da Telha) já identificado e outro redescoberto, depressa a dinâmica da investigação arqueológica foi permitindo a identificação de outros arqueossítios, envolvendo abrigos, habitats e gravuras rupestres.

Na realidade, um dos aspetos mais marcantes desta investigação foi o reconhecimento da existência de um Núcleo Megalítico numa área associada ao Mondego, bem como a existência de um Neolítico Antigo regional (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 2000b).

O TERRITÓRIO

A nossa zona preferencial de estudo é a plataforma do Mondego, área aplanada, rasgada pelo vale do Mondego e, limitada a norte pelo vale encaixado do rio Dão e caracterizada, a nível geomorfológico, maioritariamente por granitos, ainda que, esporadicamente, estes sejam atravessados por filões quartzosos. O granito surge nas suas variedades de monozonítico de duas micas e biotítico de grão médio a fino. Os depósitos quaternários de cobertura são formados por argilas e arcoses diversas (TEIXEIRA, 1961:8-9) de fraca potência, reduzidos a escassas manchas na envolvente imediata do sítio arqueológico em questão. A zona em questão abrange, grosso modo, os atuais concelhos de Carregal do Sal e Nelas, ainda que as mesmas características se possam aplicar aos concelhos vizinhos, a norte do Dão, bem como a sul do Mondego.

DOS PEQUENOS MONUMENTOS AOS GRANDES, COM UMA PASSAGEM PELOS PRIMEIROS POVOADORES

Por volta dos inícios do V milénio cal a.C., o som dos primeiros rebanhos a subirem as vertentes da plataforma do médio e alto Mondego, constitui o primeiro indicador das profundas alterações que irão ocorrer nos milénios seguintes, transformando a paisagem de uma área de onde, até então, a presença humana estava mais ou menos arredada – apesar de ter sido possível a incursão

de grupos do Paleolítico superior por zonas das Beiras, ao longo das bacias hidrográficas mais importantes, como os dados de Foz Coa e do Prazo (MONTEIRO-RODRIGUES, 2010) podem comprovar.

O reconhecimento da existência de um Neolítico antigo no interior da Península inicia-se nos finais dos anos 80 do século passado, nomeadamente na Meseta, mas também no nordeste português, onde foram surgindo arqueossítios integráveis neste momento cronológico e datados dos inícios do V milénio cal a.C. no caso do nível 4 do abrigo do Buraco da Pala (SANCHES, 1997).

Na Beira Alta, nomeadamente na Plataforma do Mondego, a primeira identificação de um sítio arqueológico integrável naquela etapa crono-cultural ocorre em 1991 com a descoberta do sítio das Carriceiras (SENNA-MARTINEZ & ESTEVINHA, 1994).

Nos anos seguintes, vão surgindo materiais atribuíveis ao Neolítico antigo, remobilizados em duas mamoadas do Núcleo Megalítico do Ameal-Azenha, bem como a identificação de cabanas sob a Orca do Folhadal (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 1999b), consubstanciando os dados anteriores.

Mas estas descobertas são seguidas de outras, que neste momento ascendem a cerca de uma dezena de sítios conhecidos até agora na Plataforma do Mondego: quatro sítios de habitat abertos (Folhadal, Outeiro dos Castelos de Beijós, Quinta da Assentada e Quinta das Rosas); duas oficinas de talhe (Carriceiras e Quinta do Soito); duas ocupações em abrigo (Penedo da Penha 1 e Buraco da Moura de S. Romão); três situações estratigráficas de palimpsesto com materiais remobilizados em terras de mamoadas pertencentes a monumentos megalíticos de primeira fase (Orca 2 do Ameal, Orca 2 de Oliveira do Conde e Orca do Folhadal).

No estado atual dos nossos conhecimentos, o povoamento associado ao Neolítico antigo parece escolher locais abertos, sem condições especiais de controlo da paisagem e muito menos defensivas, localizados preferencialmente em vertentes suaves ou rechãs, com boa exposição a nascente ou, ainda, em abrigos sob penedos graníticos, que no caso do Complexo 1 do Penedo da Penha também abre a nascente.

A deteção de remobilizações de materiais atribuíveis ao Neolítico antigo em terras das mamoadas de monumentos megalíticos (casos da Orca 2 do Ameal, Orca 2 de Oliveira do Conde e Folhadal, mas às quais se podem associar monumentos como a Orca de Travanca), simultaneamente com a identificação do Habitat do Folhadal, indiciam localizações coincidentes de habitats na proximidade de locais onde futuramente se desenvolverá a implantação de necrópoles megalíticas. Julgamos que não se trata de uma singular coincidência, mas antes que a implantação dos primeiros monumentos megalíticos na região – reconheça-se

a singularidade desta situação, que até ao momento não foi reconhecida em nenhuma outra região – vem legitimar, tanto pela dupla presença próxima dos antepassados, como pela construção de espaços formais de deposição dos mortos, a hipótese da reocupação sazonal dos territórios de invernada situados nas terras “baixas” da Plataforma do Mondego por parte de comunidades que, cada vez mais, julgamos ocuparem as terras altas da Serra da Estrela durante a primavera e o verão.

Como resulta do estudo palinológico de uma série de sondagens efetuadas nas décadas de oitenta e noventa nas turfeiras da Serra da Estrela (cf. KNAAP & LEEUWEN, 1994.), é hoje possível ler a evolução holocénica do respetivo coberto vegetal como a sucessão de uma série de episódios de degradação, cuja causa mais plausível parece ter sido a intervenção antrópica, provavelmente através do pastoreio (revelada nomeadamente por indícios de desflorestações por incêndio sem conseqüente regeneração integral da floresta, *Idem*).

Pelos dados cronométricos pode-se atribuir uma cronologia de segunda metade do V milénio cal AC² para um primeiro episódio de desflorestação, (KNAAP & JANSSEN, 1991.), que podem consubstanciar uma do Neolítico antigo regional, no que são coevas com as cronometrias radio-carbónicas disponíveis para etapas similares, da Serra da Freita (CORDEIRO, 1992.), Galiza (RAMIL REGO, SOBRINO & GÓMEZ-ORELLANA, 2001); as ocupações do Buraco da Pala, da Fraga d’Aia e do Prazo (SANCHES, 1997; RODRIGUES, 2000) e com os conjuntos de datas da Estremadura (SIMÕES, 1999.), Sul de Portugal (SIMÕES, 1999. e DINIZ, 2001.) e Meseta Norte (ESTREMER PORTELA, 2003.; ROJO GUERRA & ESTREMER PORTELA, 2000.).

As formas de subsistência destas comunidades neolíticas na plataforma do Mondego têm levantado várias questões, nomeadamente pela falta de elementos diretos que nos permitam recriar a “paisagem neolítica”, em especial se, em comparação com outras áreas mais a sul, não parece ter-se verificado uma ocupação agrícola do espaço, dadas as características dos solos e o quadro hoje disponível para realidades posteriores, a partir do Neolítico Final (SENNA-MARTINEZ, 1995/1996; SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 2000a & 2000b.).

Porém, se analisarmos os dados das turfeiras da Serra da Estrela, na longa duração, tudo parece indiciar uma relativa manutenção da floresta densa de *Quercus sp.*³ sem grande evidência de desbaste (cf. KNAAP & LEEUWEN, 1994.), numa dinâmica algo diferente do que parece ocorrer em outras áreas, onde o ritmo de degradação da cobertura original de *Quercus*, parece ser superior (FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ & RAMIL REGO, 1994).

Para o caso da Galiza, temos um marcador para estes acontecimentos entre 5400 a 3000 BP, onde ocorre uma «regressão paulatina do bosque de *Quercus*»

² Esta cronologia resulta da calibragem das datas obtidas por aqueles investigadores como *termini post quem* para os primeiros episódios como tal interpretados nos perfis da Candeeira (C10/D1 - 5730 ± 100 BP = 4802-4354 cal AC) e da Lagoa das Salgadeiras (4/5 - 5700 ± 60 BP = 4713-4369 cal AC), cf. KNAAP & JANSSEN, 1991.

(cf. GUITIAN, RAMIL-REGO, GÓMEZ-ORELLANA E SOBRINO, 1996; RAMIL REGO, SOBRINO & GÓMEZ-ORELLANA, 2001). Se a esta regressão são normalmente associados fenómenos de erosão e ação antrópica, mas sendo a regressão contínua ao longo do processo, com os níveis polínicos de *Quercus* a regredirem de valores próximos dos 80% para menos de 50% no final do espaço temporal referido, situação que parece não ser paralelizável com a situação das turfeiras da Serra da Estrela.

Por outro lado, a relativa ausência de elementos de moagem nos sítios conhecidos – quando comparados com arqueossítios localizados mais a sul –, bem como a fraca representação (contrastando com momentos subsequentes) de instrumentos cortantes em pedra polida, são elementos a favor da fraca componente agrícola nas economias regionais deste período.

Em textos anteriores foi já possível defender, para esta área, um modelo para a economia dos construtores e utilizadores dos sepulcros megalíticos, valorizando, como elementos fundamentais, práticas de recolha e torrefação (bolota e outros “frutos de inverno”), caça e pastorícia, num processo de transumância (SENNA-MARTINEZ, 1994a, 1995/1996 e 1996; SENNA-MARTINEZ, LÓPEZ PLAZA & HOSKIN, 1997.). A manutenção e a pouca degradação da cobertura vegetal original, entre 6400-3400 cal BP (CONNOR, ARAÚJO, KNAAP & LEEUWEN, 2012) parecem indicar que, ao contrário de outras áreas, onde a floresta original é sistematicamente desbastada e o espaço ocupado por variedades de gramíneas, na Beira Alta, a cobertura de *Quercus* seria, *lato senso*, mantida e preservada pelas comunidades neolíticas.

Este bosque de *Quercus* vai manter-se na longa duração (6400-3400 cal BP) onde os valores de presença variam entre os 65% e os 55% ao longo deste período com pouca flutuação. A maior flutuação ocorre nos pólenes de elementos vegetais de menor porte, estando estas flutuações associadas ao surgimento de pólenes e cinzas de cereais a partir de 6000 cal BP (CONNOR, ARAÚJO, KNAAP & LEEUWEN, 2012:117, Fig.2) mas numa percentagem ínfima.

Até um certo ponto, as comunidades humanas neolitizadoras da Plataforma do Mondego poderão assim corresponder a sociedades de pastores, caçadores-recolectores – para o que temos já o estudo das pontas de projétil (VENTURA & SENNA-MARTINEZ, 2003) – e com uma agricultura incipiente, esta última em pequenas veigas e zonas de lameiras. Estas comunidades parecem desenvolver um padrão de subsistência caracterizado pela enorme mobilidade, por isso mesmo baseada em recursos também eles móveis e não fixos a um espaço específico, o que implica a exploração de diversos tipos de territórios de forma sazonalmente diferenciada.

Com um valor nutricional de 509 calorias⁴ por cada 100 gramas, a bolota, sob

³Em especial as espécies autóctones, com a *Q. coccifera*, *Q. ilex* subsp. *Ballota*, *Q. suber*, *Q. robur*, *Q. pyrenaica*, *Q. faginea* subsp. *faginea*

⁴Cf. <https://www.yazio.com/pt/alimentos/bolota-seca.html>

a forma de fruto seco ou torrado, apresenta-se como um elemento de grande valor energético, bem mais elevado que o trigo, que apresenta valores calóricos de 337 por 100 gramas quando moído.⁵

Em texto recente (CARVALHO, PEREIRA, DUARTE & TENTE, 2017), desenvolve-se um modelo explicativo, onde se apresentam diversas razões restritivas em como seria difícil a subsistência destas comunidades neolíticas transumantes nas áreas mais altas da Serra da Estrela, se os cereais como o trigo fossem um dos elementos fundamentais, uma vez que a produção deste se encontra limitada a um máximo de 800 m de altitude. E de facto, tendo em conta estas variáveis, os autores têm razão, mas apenas se o trigo for aqui o elemento primordial. A mancha de *Quercus* na altura poderia ir até aos 1200 metros de altitude e o processo de floração corresponderia exatamente ao momento de ida das comunidades para a serra (SENNA-MARTINEZ, 1995/1996; SENNA-MARTINEZ, LÓPEZ PLAZA & HOSKIN, 1997), coincidindo o regresso com a conclusão da formação da bolota.

Na nossa perspetiva, durante o V milénio cal. a.C. a pressão humana sobre os espaços da Beira Alta cresceu progressivamente. Assim, próximo da charneira quinto/quarto milénios a.C., as linhas de cumeada e os interflúvios entre os cursos de água vão começar a povoar-se dos primeiros monumentos de um espaço crescentemente humanizado. Vão assim nascer as primeiras necrópoles megalíticas.

Entendemos aqui o conceito de monumentos como o reflexo de padrões de identidade social, que extravasam de longe o simples significado de grandeza (Mega), mas como um elemento único, distinto, ocupando uma posição proeminente na paisagem ou que reforça essa mesma paisagem. Aqui os monumentos megalíticos, na nossa opinião, têm por função cristalizar um conjunto de padrões sociais e de os lembrar ou reconstruir para a manutenção da reprodução social e cultural do grupo a que pertencem.

Assim, ultrapassam a simples função de áreas de deposição formal dos mortos e de marcadores de um espaço sacralizado, sendo também estruturas de referência coletivas, quase sempre localizadas em zonas onde tenham uma elevada visibilidade, ainda que o monumento seja ele próprio muitas vezes invisível de uma certa distância, como ocorre no núcleo em apreço, onde tudo parece indicar que os monumentos não são só locais de «recolha» e comunicação/transmissão de significados – sobre o grupo, valores, conceitos e os antepassados – mas também agentes indispensáveis de criação e recriação da sociedade – ou seja a reprodução social.

Já anteriormente tínhamos descrito a nossa conceção dos espaços frontais, que começam a estar associados a monumentos megalíticos mais evoluídos

⁵ Cf. <https://www.yazio.com/pt/alimentos/trigo-moido.html>

e a sua função (VENTURA, 1998a), numa sociedade que se encontra em plena expansão demográfica e territorial, onde os rituais, artefactos ideotécnicos e os próprios monumentos, permitem a manutenção e reprodução desta realidade. Assim, nesta perspetiva, os monumentos não só são «meios de comunicação» mas também «tutores» a estabelecer e lembrar o que é social, cultural e conceptualmente correto, numa função normativa que engloba a «memória coletiva» e construção de uma paisagem cultural.

Esta forma de memória coletiva dos monumentos megalíticos, ultrapassa o conceito mais associado a mitos e conceções fantasistas de um passado e respetivos rituais (druídicos ou não), plasmando uma memória social dos construtores ou reutilizadores destes monumentos, já que cada vez mais se começa entender o ciclo de vida de um monumento para além da sua primeira fase de construção e utilização, mas também com reutilizações, «desconstruções» e «reconstruções» que vão muito para além da simples «parasitagem».

Esta forma de prolongar o tempo de vida das memórias ou tradições orais, faz destes monumentos formas de transmissão de conhecimento institucionalizado (BRADLEY, 2002).

Monumentalidade poderá ser assim uma prática de estabilizar um território de forma visual não só para os ancestrais mas também para as gerações futuras como forma de «memória social».

Desta forma, os monumentos megalíticos correlacionam-se, normalmente, desde a sua génese, com estratégias de utilização do espaço com fixação sazonal ou permanente. Deste modo, os mais antigos monumentos megalíticos da Plataforma do Mondego, quase sempre de dimensões modestas, constituem, a um tempo, uma primeira monumentalização arquitetural funerária e verdadeiras âncoras na paisagem para populações que, por outro lado, parecem manter uma grande mobilidade sazonal (Senna-Martinez e Ventura, 2008b: 324).

Julgamos, como foi já afirmado, ser também marcante a sobreposição destes monumentos a espaços de habitat anteriores⁶, numa situação que julgamos, agora, não ser coincidência, processo este de continuidade de um determinado grupo humano, bem como de uma certa «manipulação» ou «domesticação» do espaço.

Desta forma ocorrerá o que consideramos ser regionalmente uma das transformações fundamentais do Neolítico médio: a passagem dos “territórios de utilização” a “territórios de ocupação” (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 1999b, 2000a, 2000b e 2008a).

Do ponto de vista arquitetural e associados a esta primeira fase do megalitismo regional, conhecemos: monumentos de câmara poligonal sem corredor (Orcas 1 e 2 do Ameal, por exemplo); monumentos de corredor curto (Orca

⁶Nos casos dos monumentos 2 do Ameal e 2 de Oliveira do Conde, detetou-se remobilização de materiais nas terras da ma-moa, materiais esses muito provavelmente provenientes das terras existentes antes da construção dos monumentos.

1 dos Troviscos) e, em alguns casos, quase simbólico (como o caso próximo da Orca de Pramelas e Orca de Santo Tisco), aos quais se pode integrar um monumento de câmara eventualmente megalítica, mas com um corredor intra-tumular (Orca 2 de Oliveira do Conde).

Quanto às mamoaas (nos casos em que as mesmas foram alvo de escavação), estas revelam uma grande homogeneidade nas soluções encontradas para a sua edificação: aos esteios, normalmente cravados em fossas abertas na rocha da base e calçados com pedras de médias dimensões, surge adossado, pelo exterior, um contraforte em pedra vã no qual, em alguns casos, é possível distinguir diferentes etapas construtivas; um enchimento (ou anel) de terras envolve o contraforte e é sustido por um anel exterior de pedra. Deste anel exterior parte uma carapaça de pedras que recobria a mamoa. A interrupção da mamoa na área frontal do monumento pode dar origem, como vimos, a um corredor intratumular e a um espaço de átrio empedrado.

Deste modo, também para a Beira Alta, e à semelhança do que acontece noutras áreas regionais peninsulares, as soluções construtivas apresentam, desde cedo, um marcado polimorfismo nas arquiteturas.

O cálculo das “massas tumulares médias”, efetuado para seis monumentos da Plataforma do Mondego (VENTURA, 1999b, Quadro 1), aponta para um valor médio de 71 ± 10.8 m³, o que equivale a uma média de $223,5 \pm 44$ horas de trabalho. Por outro lado, o mesmo cálculo efetuado para o peso da laje de maiores dimensões da estrutura megalítica (normalmente a tampa da câmara) forneceu um valor médio de $1,35 \pm 0.25$ t, implicando a utilização de um número médio mínimo de 8 ± 1.5 indivíduos para o seu arrastamento com roletes (*Idem*, Quadro 2). Estes valores indicam que a respetiva construção estaria ao alcance de uma comunidade familiar alargada ou de uma pequena aldeia.

O número relativamente reduzido dos elementos de espólio encontrados nos monumentos do Neolítico médio, sobretudo se tivermos em consideração o que sucede na etapa seguinte, no Neolítico final, pode querer dizer que nem todos os elementos da comunidade aí encontraram a última morada.

Outras das realidades identificadas na plataforma do Mondego foi o reconhecimento de que, nesta plataforma, estes monumentos têm como «horizonte organizador» a Serra da Estrela, acidente geográfico que, ao longo da história regional, desempenha um papel organizador da paisagem e da vida das gentes do Mondego interior.

A partir do Neolítico médio, esta apresentar-se-ia então como uma área importante do espaço ocupado por estas comunidades, a um tempo fonte de recursos e local de deslocação sazonal obrigatória (fundamental pelos pas-

tos de primavera/verão que oferecia) e “horizonte geográfico de referência”, dominando do alto as terras da plataforma do Mondego, sobre o qual as diferentes posições ocupadas pelo sol nascente ao longo do ano serviriam eventualmente de referência à organização do calendário sazonal de atividades.

Num momento de transição para o Neolítico final, começam a surgir monumentos onde estão patentes técnicas construtivas complexas, não obstante manterem uma certa continuidade. A um tempo, surgem grandes monumentos de corredor desenvolvido e diferenciado em altura em relação à câmara, agora de estrutura poligonal de nove esteios, como o caso da Orca dos Faias da Telha, ou então, raramente, de sete esteios e com estruturas complexas na área frontal, com abandono/condenação de vários monumentos de menores dimensões e construção menos complexa da fase antecedente (por exemplo a Orca do Folhadal, cf. SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 1999a).

Mas um dos elementos mais importantes desta evolução será a «nova vida» que alguns destes monumentos terão já no III milénio a.C. que, em alguns casos, parece estar associado a um processo de «desconstrução e reconstrução» de alguns monumentos.

No caso da Orca 1 de Troviscos, no limite norte do núcleo em apreço, a um monumento eventualmente do Neolítico médio ou mesmo das primeiras fases do Neolítico final, no qual mais uma vez se sobrepõem as estruturas de *habitat* anteriores, é apresentada uma câmara megalítica clássica de 7 esteios – até mais ver – e um corredor baixo, quase simbólico de cerca de 2 metros, associado a um curto corredor intratumular e a um fecho do mesmo na zona frontal.

Em momento ainda não determinado, o monumento é encerrado por uma estrutura de condenação, que parece associar-se a uma ampliação em dimensão da estrutura tumular, e assiste-se a uma remoção e recolocação de alguns elementos pétreos – esteios e tampas de corredor – sendo-lhe também adicionadas estruturas complexas, tipo «átrio» na zona frontal, onde ocorrem deposições de materiais de momentos coevos do III milénio a.C. regional.

A mesma situação parece também ocorrer, mais a norte, noutra núcleo no concelho de Nelas, na Orca do Pinhal dos Amiais, onde, numa estrutura de fecho que se expande em forma de «átrio empedrado» na zona frontal, foram sistematicamente identificadas deposições de materiais, maioritariamente cerâmicos, de um período que podemos situar também no III milénio a.C., momento esse, que julgamos estar associado à reativação do monumento megalítico para algumas deposições funerárias, mas principalmente na sua manutenção como elemento monumental da renovação da reprodução

social de um determinado grupo social.

Carregal do Sal, 22 de julho de 2018.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BRADLEY, Richard (2002) - *The Past in Prehistoric Societies*. London.
- CARRIÓN, JOSÉ (coord) (2015) *Cinco millones de años de cambio florístico y vegetal en la Península Ibérica e Islas Baleares*, Universidade de Múrcia y Fundación Séneca, Múrcia.
- CARVALHO, A. F. (1999) - Os sítios de Quebradas e de Quinta da Torrinhã (Vila Nova de Foz Coa) e o Neolítico antigo do Baixo Coa, in: *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2(1), pp.39-70.
- CARVALHO, A. F., PEREIRA, V., DUARTE, C. & TENTE, C. (2017) - Neolithic archaeology at the Penedo dos Mouros rock-shelter (Gouveia, Portugal) and the issue of primitive transhumance practices in the Estrela Mountain range, in: *ZEPHYRVS*, Vol. LXXIX, pp.19-38
- CONNOR, S.E., ARAÚJO, J., KNAAP, W. & LEEUWEN, J. (2012) - A long-term perspective on biomass burning in the Serra da Estrela, Portugal, in: *Quaternary Science Reviews* 55 (2012) pp. 114-124.
- CORDEIRO, A.M.R. (1992) - "O Homem e o Meio no Holocénico Português. Paleo-ambientes e erosão", in: *Mediterrâneo*, 1, pp.89-109
- DINIZ, M. (2001) - "Uma datação absoluta para o sítio do Neolítico Antigo da Valada do Mato, Évora", in: *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4(2), pp.111-113
- ESTREMER PORTELA, M. S. (2003) - *Primeros agricultores y ganaderos en la Meseta Norte: El Neolítico de la Cueva de la Vaquera (Torreiglesias, Sogovia)*, Zamora, Junta de Castilla y León, *Memorias: Arqueología en Castilla y León*, 11
- FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, C. & RAMIL REGO, P. (1994) - "Fechas de C14 en yacimientos arqueológicos, depósitos orgánicos y suelos de Galicia", in: *Gallaecia*, 13, pp.151-176
- FERREIRA, A.B. (1978) - *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira*, *Memórias do Centro de Estudos Geográficos*, 4, Lisboa
- FURHOLT, M. and MÜLLER, J (2011) - The earliest monuments in Europe - architecture and social structures (5000-3000 cal BC), in: *Megaliths and Identities*, Dr. Rudolf Habelt GmbH, Bonn, pp. 15-32
- HOSKIN, M. et alii., (1998) - "Studies in Iberian Archaeoastronomy: (5) Orientations of Megalithic Tombs of Northern and Western Iberia", in: *Archaeoastronomy*, 23 (JHA, xxix), pp. S39-S87
- HOSKIN, M. (2001) *Tombs, Temples and their Orientations. A new perspective on Mediterranean Prehistory*, Bognor Regis, Ocarina
- KNAAP, W. O. V. & JANSSEN, C. R. (1991) - *Utrecht on the Rocks - Serra da Estrela (Portugal)*, XV Peat Excursion of the Syst.-Geobo. Institute, University of Bern, Part II, Laboratory of Paleobotany and Palynology, State University of Utrecht/The Netherlands
- KNAAP, W. O. V. & VAN LEEUWEN, J. F. N. (1994) - "Holocene vegetation, human impact, and climatic change in the Serra da Estrela, Portugal", in: A. F. LOTTER & B. AMMANN, Eds., *Festschrift Gerhard Lang. «Dissertationes Botanicae»*, 234, pp.497-535
- MOITA, I. (1966) - "Características predominantes do grupo dolmênico da Beira Alta", in: *Ethnos*, V, pp.189-297
- RAMIL-REGO, P.; SOBRINO, C. M.; GÓMEZ-ORELLANA, L (2001) - *História Ecológica de Galiza: Modificaciones del paisaje a lo largo del Cenozoico*, in *SEMATA*, vol.13, pp.67-103
- RODRIGUES, S. (2000) - "A estação neolítica do Prazo (Freixo de Numão - Norte de Portu-

gal) no contexto do Neolítico Antigo do Noroeste Peninsular. Algumas considerações preliminares”, 149-168

ROJO GUERRRA, M. & ESTREMERÁ PORTELA, S. (2000) - “El valle de Ambrona y la Cueva de la Vaquera: testimonios de la primera ocupación neolítica en la cuenca del Duero”, in: *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, III – Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*, pp.91-95

SANCHES, M. J. (1995) - *O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto da Pré-História recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia. Porto: FLUP. 2 Vol.. policopiado.*

SANCHES, M. J. (1997) - *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto regional, 2 vols., Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994) - “Megalitismo, habitat e sociedades: a Bacia do Mé-dio e Alto Mondego no conjunto da Beira Alta (c.5200-3000 BP)”, in: *Actas do Seminário “O Megalitismo no Centro de Portugal”, «Estudos Pré-Históricos», 2, pp.15-29*

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1995/1996) - “Pastores, recolectores e construtores de megálitos na Plataforma do Mondego no IV e III milénios AC: (1) O sítio de Habitat do Ameal-VI”, in: *Trabalhos de Arqueologia da EAM, 3/4, Lisboa, Colibri, pp.85-126*

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1996) - “Do espaço doméstico ao espaço funerário: ideologia e cultura material na Pré-História Recente do Centro de Portugal”, in: *OPHIUSSA, O, Revista do Instituto de Arqueologia da FLUL, Lisboa, Colibri, pp.65-76*

SENNA-MARTINEZ, J. C., LÓPEZ PLAZA, M. S. & HOSKIN, M. (1997) “Territorio, ideología y cultura material en el megalitismo de la plataforma del Mondego (Centro de Portugal)”, in: *O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo. Actas del Coloquio Internacional (Santiago de Compostela, 1-6 de Abril de 1996), Santiago de Compostela, «Cursos e Congressos da Universidade de Santiago de Compostela», 101, pp.657-676*

SENNA-MARTINEZ, J. C. & ESTEVINHA, I. (1994) - *O sítio de habitat das Carriceiras (Carregal do Sal). Notícia preliminar. Actas do Seminário «O Megalitismo no Centro de Portugal» (Margalde. Nov. 1992). Viseu: CEPBA. p.55-61.*

SENNA-MARTINEZ, J. C. & VENTURA, J. M. Q. (1994a) - “A Orca dos Fiais da Telha, a Campanha 2(987)”, in: *Inform. Arqueológica, 9, pp.86-87 e 95-96*

SENNA-MARTINEZ, J. C. & VENTURA, J.M.Q. (1999a) - “Evolução das Paisagens Culturais na Pré-História Recente na Plataforma do Mondego - O Projecto PAISAGENS”, in: *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M., 5, pp.9-20*

SENNA-MARTINEZ, J. C. & VENTURA, J.M.Q. (1999b) - “Espaço Funerário e “Espaço Cénico”: a Orca do Folhadal (Nelas)”, in: *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M., 5, pp.21-34*

SENNA-MARTINEZ, J. C. & VENTURA, J.M.Q. (2000a) - “Espaço Funerário e “Espaço Cénico”: a Orca do Folhadal (Nelas)”, in: *Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular, Vol. III, pp.379-397*

SENNA-MARTINEZ, J. C. & VENTURA, J.M.Q. (2000b) - “Os Primeiros Construtores de Megálitos”, in: J. C. SENNA-MARTINEZ & I. PEDRO, Eds., *Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu, Viseu, Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, pp.35-38.*

SENNA-MARTINEZ, J. C. & VENTURA, J.M.Q. (2000c) - “Pastores, recolectores e construtores de megálitos: O Neolítico Final”, in: J. C. SENNA-MARTINEZ & I. PEDRO, Eds., *Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu, Viseu, Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, pp.53-62*

SENNA-MARTINEZ, J. C. & VENTURA, J.M.Q. (2008a). "Neolitização e Megalitismo na Plataforma do Mondego: Algumas reflexões sobre Transição Neolítico Antigo/Neolítico Médio", in: *Actas do IV Congreso del Neolítico en la Península Ibérica. Alicante. II*, pp. 77-84.

SENNA-MARTINEZ, J. C. e VENTURA, J.M.Q. (2008b) - *Do mundo das sombras ao mundo dos vivos: Octávio da Veiga Ferreira e o megalitismo da Beira Alta, meio século depois. Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras. Câmara Municipal. 16*, p.317-350.

SIMÕES, T. (1999) - *O Sítio Neolítico de São Pedro de Canaferrim, Sintra. Contribuições para o estudo da neolitização da península de Lisboa, «Trabalhos de Arqueologia», 12, Lisboa, IPA.*

SILVA, Fabio (2012) - *Landscape and Astronomy in Megalithic Portugal: the Carregal do Sal Nucleus and Star Mountain Range. Papers from the Institute of Archaeology 22*, pp. 99-114.

SILVA, Fabio (2013) - *Astronomia e Paisagem no Megalitismo do Norte do País: problemas e perspectivas. In Arqueologia em Portugal – 150 anos*, pp. 427-433.

SILVA, Fabio (2014) - *A Tomb with a View: New Methods for Bridging the Gap Between Land and Sky in Megalithic Archaeology. Advances in Archaeological Practice 2*, pp. 24-37.

SILVA, Fabio (2015a) - *The View from Within: a 'Time-Space-Action' Approach to Megalithism in Central Portugal. In SILVA, Fabio; CAMPION, Nicholas - Skyscapes: the role and importance of the sky in archaeology. Oxford: Oxbow Books*, pp. 120-139.

SILVA, Fabio (2015b) - *'Once Upon a Time...': When Prehistoric Archaeology and Folklore Converge. Journal for the Academic Study of Religion 28.2*, pp.158-175.

TEIXEIRA; CARVALHO; BARROS; MARTINS; HAAS; PILAR & ROCHA (1961) - *Notícia explicativa da folha 17-C. Santa Comba Dão. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.*

VENTURA, J. M. Q. (1993) - "Novos monumentos megalíticos no Concelho de Carregal do Sal, Viseu: notícia pre-liminar", in: *Trabalhos de Arqueologia da EAM, 1, Lisboa, Colibri*, pp.9-21

VENTURA, J. M. Q. (1994) - "Orca 1 do Ameal (Carregal do Sal)", in: *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal", «Estudos Pré-Históricos», 2*, pp.31-42

VENTURA, J. M. Q. (1994b) - "A Orca 2 do Ameal. Carregal do Sal: resultados preliminares", in: *Trab. Antrop. e Et-nol., XXXV (1). Porto: SPAE*, pp.47-57.

VENTURA, J. M. Q. (1994c) - "O Núcleo Megalítico de Fiais/Ameal: problemas e perspectivas", in: *Trabalhos de Arqueologia da EAM. 2. Lisboa, Colibri*. pp.1-8.

VENTURA, J. M. Q. (1994d) - "A Orca 2 do Ameal (Carregal do Sal): a campanha 2(993)", in: *Trabalhos de Arqueologia da EAM. 2. Lisboa, Colibri*, pp.241-243

VENTURA, J. M. Q. (1995) - "Orca 2 do Ameal, Carregal do Sal, Viseu: resultados preliminares", in: *Trabalhos de Antropol. Etnol., XXXV (1)*, pp.47-62

VENTURA, J. M. Q. (1998a) - *A Necrópole Megalítica do Ameal, no contexto do Megalitismo da Plataforma do Mondego, Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*

VENTURA, J. M. Q. (1998b) - "O núcleo megalítico dos Fiais/Ameal: um novo balanço", in: *Actas do Seminário "A Pré-História na Beira Interior", «Estudos Pré-Históricos», 6*, pp.11-31

VENTURA, J. M. Q. (1995/1996)) - "A Orca 2 do Ameal (Oliveira do Conde, Carregal do Sal): a campanha 3(994)", in: *Trabalhos de Arqueologia da EAM. 3/4. Lisboa, Colibri*, pp.271-276

VENTURA, J. M. Q. (1995/1996). "A Orca 2 de Oliveira do Conde (Carregal do Sal): a campanha 1(994)", in: *Trabalhos de Arqueologia da EAM. 3/4. Lisboa, Colibri*, pp.277-280

VENTURA, J. M. Q. (1999a) - "Os Materiais da Mamoa da Orca 2 do Ameal (Carregal do Sal, Viseu): Análise Tipológica e Enquadramento Cronológico", in: *Estudos Pré-Históricos, 7*, pp.65-84

- VENTURA, J. M. Q. (1999b) - “Monumentalidade e visibilidade nos monumentos megalíticos da Plataforma do Mondego”, in: *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.*, 5, pp.35-49
- VENTURA, J. M. Q. (2000e) - “Orca 2 de Oliveira do Conde, Carregal do Sal, Viseu”, in: *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.*, 6, pp.1-24
- VENTURA, J. M. Q. & SENNA-MARTINEZ, J. M. (2003) - “Do conflito à guerra. Aspectos do desenvolvimento e institucionalização da violência na Pré-História Recente Peninsular”, in: *Turres Veteras, V, Torres Vedras, Câmara Municipal de Torres Vedras*, pp.9-19

